# Quarteto comemora três décadas a 24 imagens por segundo

**Todos os filmes têm um fim. O cinema Quarteto, o mais antigo da cidade de portas e salas abertas, comemora amanhã três décadas. O seu "pai", Pedro Bandeira Freire, receia a sua morte, caso não surjam apoios.**

DIANA RALHA

DANIEL ROCHA




*As salas que abriram poucos dias antes da "revolução de Abril" passam por dificuldades impostas pela ditadura das distribuidoras*

Quatro é número fetiche do primeiro cinema multiplex de Lisboa e do país. As cortinas dos ecrãs das quatro salas escondidas numa rua paralela à Avenida dos Estados Unidos da América abriram-se pela primeira vez, a 21 de Novembro de 1975, quatro dias antes da data que instaurou a democracia portuguesa e o recolher obrigatório — péssimo *timing* para abertura das portas do cinema.

O Quarteto faz amanhã 30 anos e o seu "pai", Pedro Bandeira Freire, teme que, caso não surja um movimento de sensibilização na opinião pública, dos intelectuais e cinéfilos de Lisboa, apoiado por um agente cultural, público ou privado, o emblemático cinema lisboeta — o mais antigo a operar na cidade — está condenado à morte, esmagado pelas pipocas das confortáveis e modernas salas de cinema dentro de centros comerciais. Para comemorar o aniversário, durante todo o dia de amanhã, os bilhetes dos filmes em cartaz custam apenas 50 cêntimos.

**Feito com a boa vontade de todos**

Filho da Revolução de Abril, o Quarteto começou a ser "desenhado" ainda no tempo da ditadura. Bandeira Freire tinha pouco mais de 30 anos quando, juntamente com a sua ex-mulher, Maria Gabriela Duarte (de quem teve dois filhos – o Diogo e o Quarteto), foi ao Banco Espírito Santo pedir emprestados mil contos (cinco mil euros) para realizar um sonho antigo: abrir um cinema.

"O Quarteto foi feito com a boa vontade de toda a gente", garante Bandeira Freire, nomeando, inclusive, o chefe da censura, José Maria Alves. Assume que não inventou nada. Apenas "copiou" aquilo que via em Paris, nas salas de cinema que motivavam muitas deslocações àquela cidade, enquanto trabalhou na TAP, como oficial de tráfego.

No programa de apresentação do Quarteto, a 21 de Novembro de 1975, escreveu: "O Quarteto nasceu de uma ideia, tem um fim exclusivo e um objectivo claro — oferecer ao público de Lisboa o cinema de que gostamos." Mas não foi uma selecção "egoísta", a de Bandeira Freire: "Gosto de todo o tipo de filmes. Há filmes bons e maus; os bons são os melhores", diz, com humor.

Os problemas do Quarteto começaram com aquilo que a Pedro Bandeira Freire chama de "ditadura e monopólio proibido por lei de determinadas distribuidoras que também são exibidoras". Entretanto, a moda dos multiplexes com pipocas e bebidas, entre as compras do hipermercado, pega em força em Portugal e os encerramentos das tradicionais salas de cinema sucedem-se.

Em Outubro de 1999, Bandeira Freire faz um contrato de cessão de exploração com a LNK — distribuidora que detém uma centena de ecrãs e explorará, por cinco anos, as novas salas de cinema do Campo Pequeno. A empresa, de acordo com a versão do "pai" do Quarteto, propõe-se prosseguir com o espírito alternativo do cinema e a fazer obras de remodelação, tendo para o efeito, recebido subsídios do Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia.

**"É imoral deixar o Quarteto morrer"**

Bandeira Freire garante, porém, que a distribuidora não fez quaisquer obras, à excepção da substituição de um ecrã. E justifica ter cedido a fazer o contrato de exploração "por necessidade". "Não tinha filmes para passar. Tive um grande desgosto", explica.

A LNK quis comprar o cinema e as negociações duraram quatro anos. Uma das condições imposta pela distribuidora para a concretização do negócio foi Bandeira Freire indemizar o proprietário do bar para o deixar livre para exploração. Pagos vários milhares de euros de indemnização, a distribuidora desiste entretanto do negócio, deixando também por pagar uma choruda conta de licenças camarárias.

O Quarteto está a ser explorado, actualmente, por uma outra empresa, a Carlos e Pagará, de "dois homens, de 30 anos, cheios de boa vontade e que gostam muito de cinema". Pintaram a fachada do cinema, mas a pressão das distribuidoras continua: "Só vêm para o Quarteto filmes difíceis, quase nunca vêm estreias e os filmes chegam já 'queimados' pelas grandes salas. É uma luta muito difícil", afirma.

"É um ciclo vicioso: o cinema passou a ser dinheiro e se não ajudarem o Quarteto, ele vai morrer". Freire tem ideias para salvar o Quarteto, mas diz que já não tem idade para liderar a luta. "Se alguém ajudar, vou até ao fim", ressalva. Sugere ciclos de cinema, reposições, exibição de filmes portugueses, ou de películas que nunca foram exibidas nas salas de cinema.

Amaral Lopes, vereador responsável pelo pelouro da Cultura da Câmara de Lisboa reconhece a contribuição das quatro salas escondidas entre os cafés Luanda e Vává: "Ao longo das últimas três décadas, o cinema Quarteto tem vindo a desempenhar um papel cultural de grande qualidade para a cidade de Lisboa, que hoje é da mais elementar justiça relembrar". "É actualmente o mais antigo cinema da cidade em actividade e tem-se mostrado um exemplo dinamizador que se enquadra nas políticas para a cidade que o actual executivo pretende promover e alargar", disse, deixando a porta aberta a uma eventual ajuda do município.

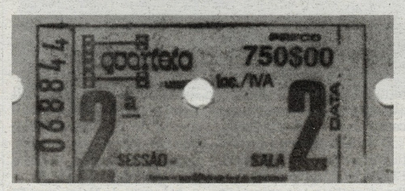
"Trinta anos já é muito bom para um cinema", diz Bandeira Freire. "Mas é imoral deixar o Quarteto morrer. É preciso levantar esta lebre", pede. O actual executivo camarário tem, no seu programa para os primeiros 180 dias de mandato, a reabilitação dos cinemas Europa e o Paris. O proprietário conta que a autarquia não deixe morrer o Quarteto. ■

QUATRO HISTÓRIAS AO ACASO PARA UM CINEMA COM QUATRO SALAS



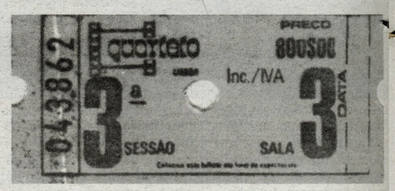

## *O maior êxito de bilheteira*

"A coisa que me dava mais gozo era ir às distribuidoras descobrir filmes e realizadores novos", recorda Bandeira Freire. "Orgulho-me de ter sido o primeiro a descobrir Scorcese em Portugal". Da distribuidora disseram-lhe, a propósito de "Taxi Driver", que era "um filme de um 'gajo' que andava de táxi em Nova Iorque". O mesmo aconteceu com "All that Jazz", do realizador Bob Fosse, o maior êxito de sempre do Quarteto – esteve um mês em exibição nas quatro salas. A publicista descreveu-o como "um filme musical horroroso em que o protagonista morre no fim". Ainda assim, a directora da Columbia garantiu-lhe o exclusivo para Portugal. O filme "horroroso", entretanto, ganhou quatro Óscares e a palma de ouro de Cannes. A Columbia manteve a sua "palavra" e as salas de Bandeira Freire foram as únicas a exibir o musical em Portugal.




## *Cinema até ao desfalecimento*

Nos anos de "ouro" do cinema, existiu às sextas-feiras, em Lisboa, a possibilidade de se ver filmes durante toda a noite, nas quatro salas do Quarteto. A iniciativa chamava-se "A memória do Cinema" e o seu slogan era "cinema até ao desfalecimento". Em trinta anos de vida, o Quarteto já viu de tudo (até espectadores que faziam as suas necessidades fisiológicas dentro das salas). Mas, uma certa madrugada, os funcionários do complexo estranharam um espectador que tardava em abandonar a sala. Quando o foram acordar, constataram que estava morto. "Foi, efectivamente, cinéfilo até ao desfalecimento", remata Bandeira Freire.




## *Rivette expulso por Bandeira Freire*

Pedro Bandeira Freire recorda a relação conflituosa que teve com o realizador Jacques Rivette, numa sala do Quarteto. "Rivette tinha filmado 'A religiosa' num formato diferente, só para ser diferente, que fazia com que as máquinas de projecção vulgares cortassem um pouco a imagem em baixo". O proprietário do espaço lembra: "Rivette começou a ser muito mal-educado comigo, a acusar-me, em francês, de o boicotar. Chateei-me e expulsei-o com palavrões em português, porque não tinha calão francês suficiente". De qualquer forma, "A religiosa" foi segundo maior êxito da história do Quarteto.



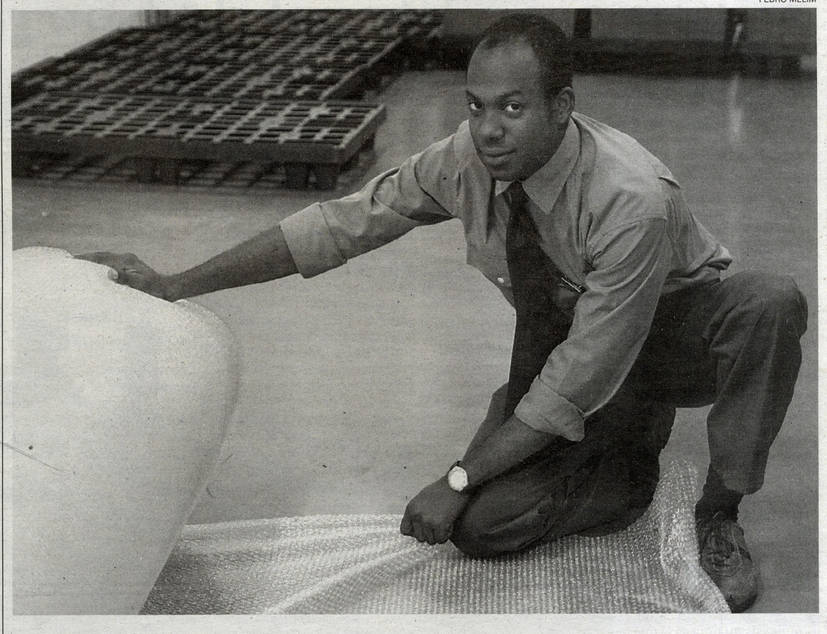

## *A quinta dimensão do Quarteto*

O Quarteto passou a ter uma quinta dimensão, quando também foi teatro, a par de cinema. Pedro Bandeira Freire recorda a primeira peça ali representada: "A verdadeira história de Jack o estripador", de Isabel Huppert, protagonizado por Ana Zanatti e Zita Duarte, com encenação de Carlos Avilez. Huppert esteve na plateia no dia da estreia, lembra. Durante a peça, uma das actrizes tinha que mandar um copo de água para cima da outra, líquido esse que, todas as noites, era previamente aquecido pelos funcionários do multiplex.



NOVOS LISBOETAS **ANABELA MENDES**

PEDRO MELIM



# PELÉ NÃO GOSTA DE BOLA E NÃO TEM SAUDADES DE LUANDA

**Deixou o certo pelo incerto na ânsia de estar próximo da arte. Depois de uma sucessão de empregos temporários, acabou "adoptado" pelo El Corte Inglés. Hoje diz-se preparado para abraçar o sonho de estudar Belas Artes**

Muacir Jasse tem 27 anos. Veio de Angola há seis anos e garante que se sentiu adoptado por Lisboa desde o primeiro instante. "Aqui encontrei o que a minha cabeça estava à procura", diz, explicando que a actividade cultural, os museus e exposições eram tudo o que sempre sentiu necessidade de ver.

Muacir é um imigrante curioso. Deixou Vila Alice, o bairro onde residia em Luanda, em 1999, trocando o certo pelo incerto. Sobrinho de embaixadores, políticos e mesmo artistas plásticos, considerou que em Lisboa estava o futuro.

Deixou a vida confortável de filho e irmão de despachantes alfandegários para rumar a Portugal e juntar os estudos a um qualquer trabalho. Relembra que já tinha vindo a Lisboa com cerca de dez anos, visitar a avó paterna, mas desse tempo a memória era curta, abafada por muitos passeios e brincadeiras. Desta vez vinha pára ficar e tinha "de fazer pela vida".

"Sou muito trabalhador", gaba-se. Começou por juntar as aulas a um curso de informática e a um emprego a tempo inteiro, na área da construção civil. Não tardou a perceber que tanta coisa junta não dava certo. "Adormecia nas aulas, andava sempre cansado. Optei por deixar de estudar e esperar por melhores dias", diz, garantindo que um dia vai voltar à escola, para conseguir entrar na Faculdade de Belas Artes.

Entretanto a empresa onde começou por trabalhar faliu e Muacir foi à procura de outro trabalho que lhe garantisse o sustento e a independência. Explica que não é capaz de ficar de braços cruzados. Dizem-lhe que parece que tem pilhas.

"Fui inscrever-me numa empresa de trabalho temporário, que me enviou para uma fábrica de cablagem, onde estive ano e meio. Depois houve uma reestruturação na empresa, dispensaram os nossos serviços, tornei a inscrever-me noutra firma de trabalho temporário. E aqui mudou a minha sorte", relembra.

Desta nova empresa seleccionaram Muacir e mais 19 companheiros para frequentarem um curso de formação para operadores de armazém. A proposta era trabalharem para uma firma de transportes que iá começar a operar com uma grande loja estrangeira prestes a abrir portas em Lisboa. Ao fim de quatro meses de trabalho para a operadora de transportes, Muacir já tinha dado o suficiente nas vistas para ser convidado a assinar contrato com a loja onde todos os dias carregava e descarregava mercadoria.

Com este convite veio também a alcunha. Pelé. Muacir usava o cabelo num estilo afro, bem anos 70, e quando aceitou o convite para ingressar nos quadros na loja optou por um corte radical. "Quando apareci com o novo penteado o meu chefe disse-me que parecia mesmo o Pelé. E ficou. Agora todos me conhecem pela alcunha e alguns nem sabem o meu nome verdadeiro", conta.

Hoje, Pelé, que nem morre de amores por futebol, mantem o mesmo emprego, mostrando-se feliz da vida. Descobriu regalias como subsídios de férias e de Natal, plano de saúde, coisas com que nunca se cruzara desde que começara a trabalhar, e afirma-se sem saudades de Luanda. Os seus projectos imediatos passam por recomeçar a estudar e conseguir a naturalidade portuguesa, de que já está à espera há quatro anos.

Aliás, garante que se sente lisboeta até à medula e que nunca se sentiu estrangeiro ou discriminado. "Ao princípio achava estranho haver tantos brancos e tão poucos pretos, mas depressa me habituei à diferença e nunca me trataram de modo diverso por causa da minha cor de pele", garante. Desde que está em Lisboa diz que só tem tido namoradas loiras, mas afirma que a mulher perfeita ainda não chegou. "São todas um bocadinho preguiçosas, o que me faz confusão", explica.

Beber um copo no Bairro Alto, passear-se pelos bairros históricos da cidade, procurar o rio na zona do Parque das Nações, são o que mais aprecia na cidade. Isto logo a seguir às visitas a monumentos e a museus, o que diz não dispensar, bem como exposições, feiras de antiguidades, concertos, cinema e teatro. No fundo, garante que não largava Lisboa por nada. "Adoro o lado antigo da cidade, o seu sentido estético, as cores, os cheiros. Não quero morar em mais lado nenhum. Sair daqui só de férias, mas sempre para regressar", conclui. ■